

A REPETIÇÃO NA LÍNGUA FALADA: PROPRIEDADES DISCURSIVAS E GRAMATICAIS

REPETITION IN SPOKEN LANGUAGE: DISCURSIVE AND GRAMMATICAL PROPERTIES

Ataliba Teixeira de CASTILHO¹

José Elderson de SOUZA-SANTOS²

Abdulai DANFÁ³

Resumo: Neste trabalho, partindo de Marcuschi (2015) e Castilho (1997), estudamos o papel discursivo e gramatical da repetição na língua falada. Nossa hipótese é que a língua é um sistema complexo, integrado pelo Léxico, Discurso, Gramática e Semântica, nos termos da Abordagem multissistêmica da língua (CASTILHO, 2010). Nosso objetivo é demonstrar que a repetição, entendida como a reiteração de um segmento idêntico ou semelhante, é um processo constitutivo das línguas naturais, dispendo de propriedades discursivas e gramaticais, para além das propriedades semânticas e lexicais, que não serão examinadas aqui. Nossos dados foram colhidos em entrevistas do tipo diálogo entre dois informantes do Projeto NURC/Ba. Como resultados, tem-se a formulação, fundamentada em Marcuschi (2015), de quadros de manifestações e funções das repetições (norteadores de nossa busca por ocorrências do fenômeno no *corpus* delimitado). Além disso, investigamos processos de gramaticalização envolvendo os advérbios “sim” e “não”, cujas análises apontam para a condição do “sim” ser apagado em respostas de cunho afirmativo, enquanto o verbo é repetido. No caso do “não”, a realidade se inverte. Este é mantido em respostas negativas, sendo, costumeiramente, o verbo apagado. Também destacamos que a repetição do “não” em respostas negativas pode ocasionar efeito de ênfase.

Palavras-chave: Abordagem multissistêmica da língua. A repetição: manifestações e funções. Discursivização. Gramaticalização.

Abstract: In this work, following Marcuschi (2015) and Castilho (1997), we study the discursive and grammatical role of repetition in the spoken language. We hypothesize that the language is a complex system, integrated by Lexicon, Discourse, Grammar, and Semantic, in terms of the Multisystemic approach (CASTILHO, 2010). Our goal is to demonstrate that the repetition, understood as a reiteration of an identical or similar segment, is a constitutive process of natural languages, disposing of discourse and grammatical proprieties, beyond semantic and lexical proprieties, which will not be examined here. Our data was harvested in interviews from dialogue type between two informants of the Project NURC/Ba. As result, we have the formulation, based on Marcuschi (2015), of charts of manifestations and functions of repetitions (that guide our search for occurrences of the phenomenon in the delimited corpus). Also, we investigated grammaticalization processes involving the adverbs “yes” and “no”, whose analyzes point to the condition of “yes” being erased in affirmative responses, while the verb is repeated. In the case of “no”, the reality is reversed. It is maintained in negative responses, being the verb usually erased. We also highlight that the repetition of “no” in negative responses can cause an emphasis effect.

Keywords: Multisystemic approach to language. The repetition: manifestations and functions. Discursivisation. Grammaticalization.

1 Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo, Brasil; ataliba@uol.com.br; <https://orcid.org/0000-0002-1964-9884>

2 Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo, Brasil; eldersonsantos@hotmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-4295-5855>

3 Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo, Brasil; abdulaidanfa@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0001-9076-2196>

- | A repetição na língua falada: propriedades discursivas e gramaticais

Considerações iniciais

Estudamos neste texto a repetição na língua falada, hipotetizando que nessa variedade a repetição é um dos processos constitutivos da língua, e não um sinal de domínio inadequado da linguagem, como acostumou-se considerar na língua escrita⁴. Entendemos por repetição a (re)produção de segmentos textuais idênticos ou semelhantes, atuando como um dos processos de construção textual e gramatical.

A articulação teórica deste texto repousa na Abordagem multissistêmica da língua, formulada por Castilho (2007/2009, 2010, 2017). Segundo essa abordagem, as línguas naturais devem ser encaradas do ponto de vista da ciência dos domínios complexos, postulando-se que elas se compõem de quatro sistemas, o Léxico, a Gramática, a Semântica e o Discurso, articulados por um dispositivo sociocognitivo, fundamentado na língua falada.

Uma das aplicações dessa abordagem aparece no artigo *Por uma sintaxe da repetição: língua falada e gramaticalização*, Castilho (1997). Propõe-se ali que devemos conceber a gramaticalização como um dos processos constitutivos da língua falada. Além do mais, o processo discursivo da R emparelha-se com o processo de gramaticalização, fato que não tem sido apontado na literatura específica. A partir de tais considerações, analisaremos que a R nos permite visualizar processos de gramaticalização envolvendo os advérbios “*sim*” (sendo apagado em sentenças afirmativas) e “*não*” (sendo replicado em sentenças negativas).

Na concepção da língua como um multissistema, Castilho (1997) começa por resenhar as posições de grupos de pesquisadores que têm tomado a fala como objeto de estudo. Primeiramente trata dos posicionamentos e contribuições do “Groupe Aixois de Recherches en Syntaxe”, de que uma das mais importantes contribuições foi o “[...] processo de transcrição bi-axial dos dados [...]” (CASTILHO, 1997, p. 295). Em seguida, discorre sobre os estudos dos pesquisadores ligados ao projeto “Lessico Italiano di Frequenza”, os quais apontam que “[...] na língua falada quebra-se a linearidade como um critério descritivo [...]” (CASTILHO, 1997, p. 296), o que compromete uma abordagem estática e introspectiva da sentença. A sentença passa, então, a ser vista como o lugar

4 A respeito da repetição no texto escrito, conferir Koch (2009) e Koch e Elias (2016). Estas autoras nos ensinam que “Tradicionalmente, a repetição é avaliada de forma negativa. Costuma-se criticar os textos que contêm repetição como redundantes, circulares, mal estruturados. No entanto, a repetição é uma estratégia básica de estruturação textual: os textos que produzimos apresentam uma grande quantidade de construções paralelas, repetições literais enfáticas, pares de sinônimos ou quase sinônimos, repetições da fala do outro e assim por diante. Portanto, é impossível a existência de textos sem repetição, pois se trata de um mecanismo essencial no estabelecimento da **coesão textual**.” (KOCH; ELIAS, 2016, p. 100).

de onde surgem as gramaticalizações, e não como uma instância de produção de manifestações bem formadas. Logo, uma gramática da língua falada não deveria focalizar os fenômenos lineares, mas sim o mundo das probabilidades e do caótico.

Mais adiante, o texto nos traz uma discussão sobre o grupo “Conversation and Syntax”, desenvolvido pelos americanos. Os estudos gestados por esse grupo foram responsáveis pelo surgimento da Análise da Conversação, que se pratica amplamente no Brasil. Tal grupo passou a sustentar a ideia de uma gramática emergente, sendo esse um modelo de análise que considera a língua como atividade real, na qual as regularidades são provisórias, estando sempre sujeitas à negociação, renovação e abandono. A língua é, portanto, heterogênea, não havendo gramática, mas sim gramaticalização. A língua falada deveria ser entendida como um conjunto de processos.

A gramaticalização é definida como um processo pelo qual determinado item lexical passa de “forma livre” para forma “menos livre”, podendo chegar à “forma presa”, explicando que “Podemos identificar aí estágios gramaticais e procedimentos semânticos co-ocorrentes, sujeitos a princípios gerais.” (CASTILHO, 1997, p. 304).

Os estágios de gramaticalização compreendem a sintatização, a morfologização, a fonologização e o estágio zero, fase em que todo o processo se reinicia. Os processos semânticos consistem na metáfora⁵ e na metonímia⁶. Tais estágios seriam, nesse sentido, regidos pelos princípios de analogia, reanálise, gradualismo e unidirecionalidade. Na sintatização, um item de determinada classe de palavra migra para outra classe de palavra, assumindo na sentença uma nova função. Na morfologização, ocorre a criação de formas presas, quer afixos flexionais, quer afixos derivacionais. A fonologização se dá, entre outros fenômenos, quando uma forma livre se reduz a um afixo. O estágio zero ocorre quando um morfema desaparece, em decorrência de uma cristalização extrema, tornando as categorias antifuncionais.

5 Em correspondência à Teoria da Metáfora Conceitual (TMC), de Lakoff e Johnson (2002, p. 47-48), a metáfora permite “[...] compreender e experienciar uma coisa em termos de outra.”. Esta é, portanto, um mecanismo cognitivo que nos possibilita explicar uma coisa por outra, tendo como base nossas experiências corpóreas e sociais para categorizar entidades e eventos mais abstratos. Na metáfora, haveria um conjunto de mapeamentos entre uma origem e um destino.

6 Conforme Soares da Silva e Leite (2015, p. 3), tomando como base a TMC, “[...] a metonímia conceptual constitui um esquema ou padrão conceptual sob a forma X ESTÁ POR Y, como por exemplo CONTINENTE PELO CONTEÚDO, PARTE PELO TODO ou EFEITO PELA CAUSA, sendo a origem X e o alvo Y dois subdomínios de um mesmo domínio conceptual, associados por uma relação de contiguidade espacial ou categorial.”.

- | A repetição na língua falada: propriedades discursivas e gramaticais

No caso particular da repetição, Castilho (1997, p. 306) afirma que

[...] a Repetição, um dos fenômenos mais comuns da LF, ainda não teve avaliadas suas consequências no processo de constituição da gramática dessa modalidade. Ora, as Repetições têm aqui um papel importante. Por seu intermédio, o falante recategoriza classes de palavras, constitui unidades sintagmáticas e organiza os constituintes funcionais da sentença.

Concentrando tais estudos no âmbito gramatical, e após realizar pré-análises de alguns exemplos, o autor aponta que o estudo das Rs se relaciona a um conjunto de outros fenômenos, sendo necessária a escolha de um recorte teórico a fim de desenvolvê-lo. Assim, limita-se a estudar o papel da R em um dos processos de gramaticalização, o da sintatização, especificando as Rs de verbos e nomes.

Nessa perspectiva, o autor explica que as Rs de verbos se distribuem em 60% de R idênticas e 40% de R alteradoras: “as ocorrências demonstraram como o falante administra o Verbo, desencadeando processos de estruturação argumental, estruturação temática, seleção de Tempo-Modo, e promovendo predicções de segundo grau.” (CASTILHO, 1997, p. 314). Em seguida discute cada um desses processos, apresentando exemplos.

Ao abordar as Rs de Nomes, Castilho (1997) argumenta que tal processo oferece pistas sobre a estruturação funcional da sentença. Os dados permitem chegar a conclusões sobre onde, na sentença, preferencialmente ocorrem as Rs, e sobre a hierarquia funcional que se pode surpreender nos nomes repetidos. Assim, Castilho (1997) diz ser possível confirmar o achado de Bessa Neto (1991, p. 126 *apud* CASTILHO, 1997) e Marcuschi (1992, p. 124 *apud* CASTILHO, 1997), segundo o qual os sintagmas nominais situados à direita do verbo são os mais repetidos. Mas esse texto considera também a repetição de verbos e nomes, juntos, como fenômeno interessante a ser analisado.

Quanto ao papel discursivizador da R, Marcuschi (1997) explica que esse processo assume aí funções variadas. Na organização textual interativa, a repetição atua em campos tais como o monitoramento da coerência textual, o favorecimento da coesão e da geração de sequências mais compreensíveis, a possibilidade de dar continuidade à organização tópica, auxiliando as atividades interativas.

Neste trabalho, objetivamos especificamente (a) realizar um apanhado das manifestações e funções das repetições descritas por Marcuschi (2015), e (b) analisar como as repetições evidenciam processos de discursivização e gramaticalização.

Para esta investigação, tomamos como *corpus* transcrições de entrevistas do tipo diálogo entre dois informantes (D2) do projeto Norma Urbana Linguística Culta (NURC)/BA disponíveis no *site* do Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulálio” (CEDAE)⁷, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). O material coletado advém de falantes pertencentes às capitais brasileiras que, à época, possuíam mais de 1 milhão de habitantes: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

Na entrevista do tipo D2, os falantes interagem entre si sobre temática previamente selecionada e anunciada pelos documentadores⁸. As interações selecionadas para este artigo foram documentadas na cidade de Salvador e compõem os inquéritos 95 (com 70 minutos de gravação), datado de 17/10/74, e 98 (com 80 minutos de gravação), sem datação.

Este artigo está organizado da seguinte maneira: na primeira seção definimos a repetição e apontamos como ela ocorre; na segunda, realizamos um apanhado das manifestações e funções discursivas da repetição, construindo organogramas de manifestações e funções; na terceira, associamos a repetição ao processo de gramaticalização, focalizando como a repetição atua em processos de gramaticalização dos advérbios “*sim*” e “*não*”.

O que é a repetição e como ela ocorre

Marcuschi (2015) considera a repetição um dos processos de formulação textual recorrente na oralidade. Dentre as variadas funções desse fenômeno, o autor destaca as seguintes: (i) contribuição na organização discursiva, (ii) monitoramento da coerência textual, para favorecer a coesão e a geração de sequências mais compreensíveis, (iii) continuidade na organização tópica e o auxílio nas atividades interativas.

O estudioso explica que, “Enquanto processo de organização textual-interativa, as repetições conduzem à produção de segmentos inteiros duas ou mais vezes, motivados pelos mais diversos fatores, sejam eles de ordem interacional, cognitiva, textual ou sintática.” (MARCUSCHI, 2015, p. 207). Ele considera que a repetição possui motivação e papel diverso na fala e na escrita, recebendo distintas avaliações:

7 Disponíveis em: <http://eulalio.iel.unicamp.br/sys/audio/albums.php?action=show&album=33>. Acesso em: 28 maio 2020.

8 As quais, segundo Silva (1996, p. 85), podem ser: “[...] corpo humano, alimentação, vestuário, casa, família, vida social; cidade, transportes e viagens; meios de comunicação e difusão, cinema, televisão, rádio, teatro; comércio exterior e política nacional; sindicatos e cooperativas; profissões e ofícios; dinheiro e finanças; instituições (ensino, igreja); meteorologia, tempo cronológico; terra, vegetais e agricultura, animais.”

- | A repetição na língua falada: propriedades discursivas e gramaticais

Na escrita, com a possibilidade de revisão e editoração, com apagamentos sucessivos, só se obtém a versão final diminuindo a presença da repetição. Na fala, em que nada se apaga, a repetição faz parte do processo formulativo. Sua presença na superfície do texto falado é alta, constatando-se que, a cada cinco palavras, em média uma é repetida. (MARCUSCHI, 2015, p. 207).

Marcuschi (2015) chama atenção para o fato de que a repetição de uma mesma palavra, num mesmo evento comunicativo, não significa dizer a mesma coisa. Ou seja, “[...] identidade e diferença, sob o aspecto lexical, não equivalem a identidade e referência sob o aspecto referencial.” (MARCUSCHI, 2015, p. 209).

Para a descrição da repetição no texto falado, o autor considera duas categorias, quais sejam: *Matriz (M)*, que se trata da primeira entrada do segmento discursivo depois repetido; e *Repetição (R)*, caracterizada por funcionar como base ou modelo para a projeção de outro segmento construído à sua semelhança ou identidade.

A M pode condicionar a R em vários níveis: fonológico (incluindo-se aqui os aspectos prosódicos), morfológico, sintático, lexical, semântico ou pragmático, sem impedir a criatividade ou a atividade reformuladora. Por isso, a R não é um espelhamento automático, porquanto a M possui uma função paradigmática em relação à R.

Ainda segundo Marcuschi (2015), a R manifesta-se de muitas maneiras e apresenta várias funções, sendo, por isso, considerada multifuncional. Os segmentos repetidos distribuem-se em: autorrepetições, quando o falante produz a R na sua própria fala; e heterorrepetições, nas quais o interlocutor repete algum segmento dito pelo locutor. A esse respeito, Castilho (1997) explica que a R advém de, pelo menos, dois mecanismos discursivos que se encontram presentes na conversação: (i) o sistema de turnos e (ii) o sistema de correções.

Em relação à distribuição na cadeia textual, as Rs podem ocorrer numa posição adjacente (contíguas ou próximas à M) ou numa posição distante (quando um mesmo segmento é repetido em vários tópicos adiante).

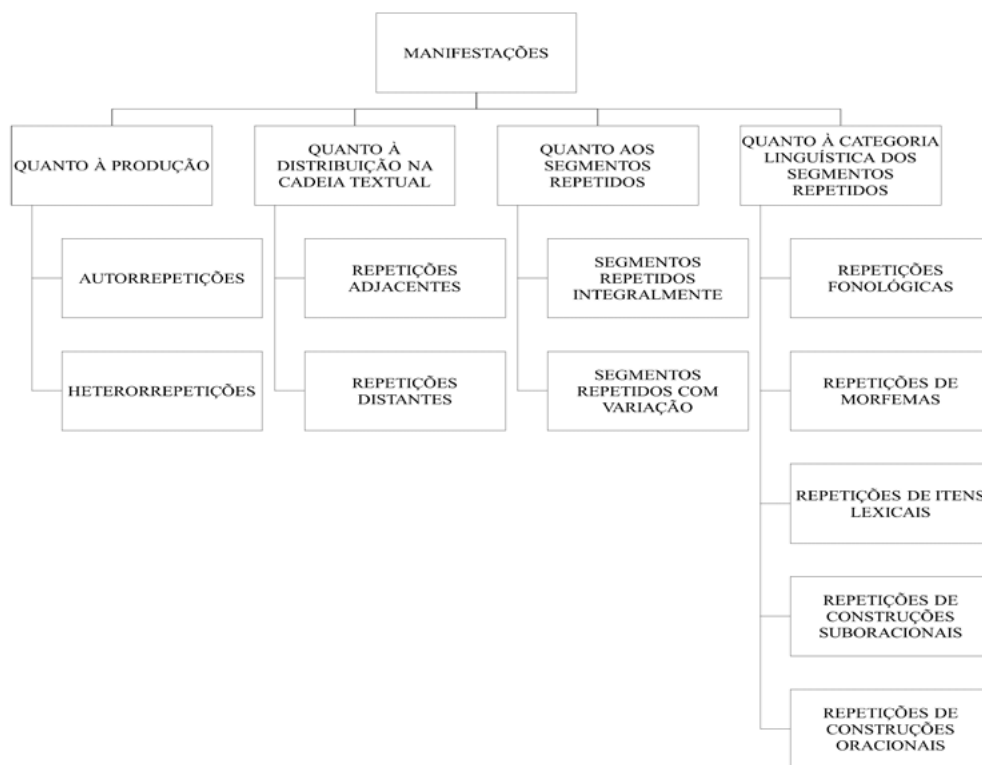
Do ponto de vista textual, a R dos segmentos pode ser integral (R com identidade de forma), ou alteradora quando, segundo Castilho (1997), ocorre uma variação, como a nominalização de um verbo, a passagem para plural de uma forma singular, etc. Marcuschi (2015) observa que a R integral é mais rara que a R alteradora. Por isso, segundo ele, será tanto maior a possibilidade de variação quanto maior for o segmento repetido.

Do ponto de vista gramatical, as Rs podem manifestar-se do seguinte modo: repetições fonológicas (aliteração, alongamento, entoação etc.); repetições de morfemas (prefixos, sufixos etc.); repetições de itens lexicais (de modo geral N e V); repetições de sintagmas (SN, SV, SPrep, SAdj, SAdv); repetições de sentenças. Neste trabalho, consideraremos as Rs realizadas pelas três últimas categorias linguísticas⁹.

Marcuschi (2015, p. 215) esclarece que as repetições subordinadas “[...] reproduzem constituintes oracionais dos mais diversos tipos. Às vezes, elas se parecem com as Rs lexicais e, de fato, há itens lexicais que são constituintes sintagmáticos plenos [...]”, como o caso de um SN sujeito formado apenas pelo nome núcleo. O autor esclarece, ainda, que elas têm, outras vezes, o aspecto de Rs oracionais, “[...] podendo ser mesmo as orações reduzidas ou com muitas elisões.” (MARCUSCHI, 2015, p. 215).

O organograma a seguir sistematiza as manifestações das Rs aqui discutidas a partir de Marcuschi (2015):

Figura 1. Manifestações das repetições



Fonte: Elaboração própria

⁹ Esta escolha é motivada, na esteira do trabalho de Marcuschi (2015), pelo fato de as repetições lexicais, subordinadas e oracionais estarem acima do nível morfemático de análise.

- | A repetição na língua falada: propriedades discursivas e gramaticais

No que diz respeito a funções discursivas da R, temos a coesividade, a compreensão, a organização tópica, a argumentatividade e a interatividade.

Na coesividade, destaca-se a coesão como um dos princípios básicos que contribuem para compressão textual por meio do encadeamento intra e interfrástico no plano da cotextualidade, podendo ser vista de duas formas: por meio da coesão sequencial e da coesão referencial (KOCH, 1989 *apud* MARCUSCHI, 2015). A R é uma das estratégias mais utilizadas, principalmente, para a coesão sequencial, que pode ocorrer através da listagem, dos amálgamas sintáticos e dos enquadramentos sintático-discursivos.

Além disso, uma outra função da R é a compreensão, que promove e facilita o entendimento do interlocutor através de expressões repetidas. Koch e Silva (1996, *apud* MARCUSCHI, 2015) explicam que, provavelmente, embora um excesso de informações possa desacelerar o aspecto informacional do conteúdo pretendido, ele pode também contribuir para que o interlocutor (co)construa a efetiva interpretação do texto em questão. Nesta segunda função, constam as seguintes sub-funções: a intensificação, que obedece a um princípio de iconicidade, propriedade segundo a qual um maior volume de linguagem idêntica em posição idêntica corresponde a um maior volume de informação; a articulação tema-rema, com a transformação em tema do enunciado que anteriormente era rema; e o esclarecimento, que ocorre por meio de explicitação de informações com expansões sucessivas.

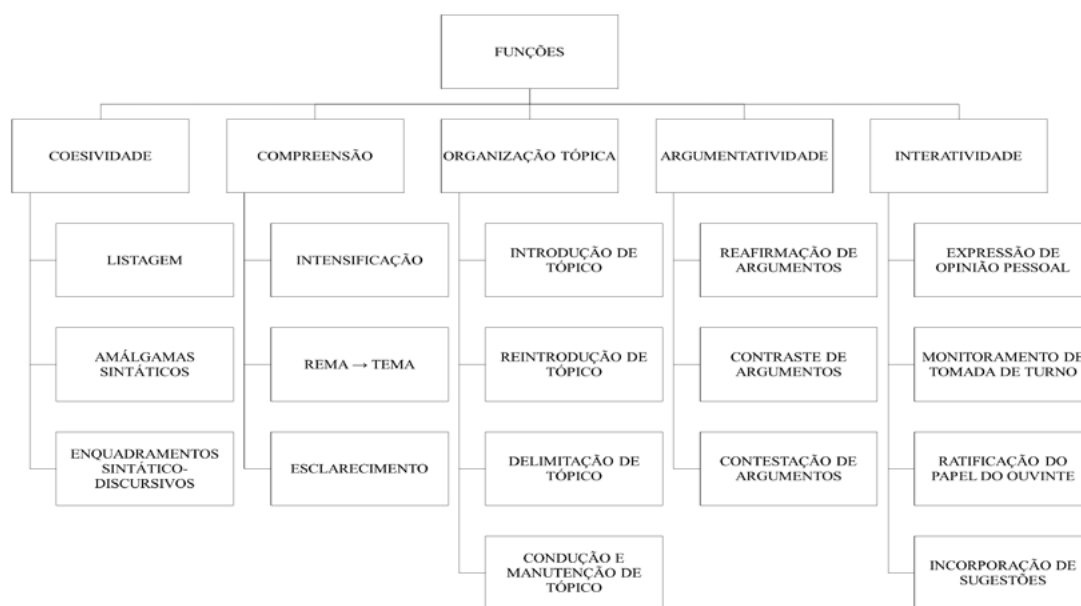
Em seguida, há a função denominada de organização tópica, que se realiza por meio de introdução, reintrodução, delimitação, condução e manutenção de tópicos discursivos. Para isso, tem-se a colaboração de estruturas sintáticas de várias modalidades e extensões (marcadores discursivos, itens lexicais, sintagmas, orações) (MARCUSCHI, 2015).

A argumentatividade é uma outra função da R em que as orações repetidas exercem um papel importante. Elas servem como estratégia para reafirmação, contraste e contestação de argumentos. Marcuschi (2015) chama atenção para as duas últimas estratégias, visto que o contraste de argumentos vem com negações proposicionais, podendo aparecer através da modulação entonacional; por outro lado, segundo o autor, a contestação, em uma situação interativa de relação assimétrica entre os interlocutores, não prioriza a preservação da face negativa, por isso, explica que é possível ocorrerem nessa situação as Rs com menos traços de polidez¹⁰.

10 Os estudos de Pragmática têm se dedicado a analisar um conjunto de padrões de comportamentos que regem as interações, revelando as formas como lidamos com situações particulares de comunicação. Essas pesquisas apontam para o fato de que as escolhas que fazemos ao lidar com o outro possuem impacto direto na imagem que esse constrói a nosso respeito. Conforme Paiva (2008, p. 16), "A polidez linguística se instala nesses padrões de comportamento de forma a atender às intenções comunicativas e sociais dos interlocutores

E, finalmente, temos a interatividade, que é considerada como um aspecto central no processo de formulação de texto falado, possibilitando esclarecer que muitas das decisões tomadas pelos falantes devem-se a pressões de ordem comunicativa. Nessa situação, são variadas as funções assumidas pela R para a promoção da interação, dentre as quais temos a expressão de opinião pessoal, o monitoramento da tomada de turno, a ratificação do papel do ouvinte e a incorporação de sugestões do parceiro (MARCUSCHI, 2015). O organograma a seguir sistematiza as funções das Rs até aqui discutidas a partir de Marcuschi (2015):

Figura 2. Funções das repetições



Fonte: Elaboração própria

da enunciação.". Tal abordagem nasce na década de 70, a partir da Teoria de Face, formulada por Goffman, popularizando-se por volta da década de 80. Paiva (2008, p. 16) explica que Brown e Levinson entendem a "[...] polidez linguística como um sistema complexo de estratégias que auxiliam no distanciamento de atos ameaçadores de face, que são, em outras palavras, geradores potenciais de conflito na interação.". Tal perspectiva possui um viés universalista, procurando estudar padrões de como falantes de diferentes línguas evitam conflitos, através de comportamentos linguísticos. Essa perspectiva se ancora, principalmente, na noção de face (Goffman), na teoria pragmática dos atos de fala, construída por Austin e Searle, e no princípio de cooperação, formulado por Grice. Desdobrando as pesquisas de Goffman, Brown e Levinson propõem a existência não somente de uma face, mas, na verdade, de duas, uma positiva e uma negativa. A **face positiva** corresponderia àquilo que todo membro adulto competente de uma sociedade quer mostrar para que seus interesses sejam desejados por, pelo menos, alguns interlocutores. Já a **face negativa** corresponderia àquilo que todo membro adulto competente de uma sociedade quer omitir para que suas ações não sejam impedidas pelos outros. As estratégias de polidez, portanto, podem se desenvolver em um caráter positivo, exaltando determinados comportamentos ou características do falante, valorizadas socialmente, ou em um caráter negativo, buscando apagar ou abster determinados comportamentos e características do falante desvalorizadas socialmente. Em Leech (1983, 2005) e em Kerbrat-Orecchioni (2006), é possível encontrar estudos outros a respeito da polidez linguística, inclusive em termos de avanços à abordagem de Brown e Levinson.

- | A repetição na língua falada: propriedades discursivas e gramaticais

As manifestações e funções sistematizadas nos organogramas das figuras 1 e 2, decorrentes do estudo de Marcuschi (2015), guiam a identificação de ocorrências no *corpus* analisado. Entretanto, nem todas as manifestações e funções da R enquadradas nos organogramas foram identificadas no *corpus*, bem como há tipos de R encontradas no *corpus* que não constam nos organogramas, a saber: não foram identificadas ocorrências de *rema – tema* e *esclarecimento*; foram identificadas ocorrências de *substituição do verbo existencial* e *focalização*.

A partir da seção seguinte, adotamos a percepção das línguas como um multissistema, concentrando nossa atenção em dois deles, no Discurso e na Gramática, acompanhando a teorização formulada por Castilho (2010, cap. 2).

Na apresentação dos exemplos, adotaremos a transcrição bi-axial criada por Blanche-Benveniste, segundo Castilho (1997). Essa transcrição dispõe os dados nos eixos sintagmático e paradigmático da língua, realçando, assim, o dinamismo do texto falado. As propriedades exemplificadas tomam em conta a Abordagem multissistêmica da língua, tal como proposta em Castilho (2010).

Nas seções a seguir, detalharemos as propriedades discursivas e gramaticais da R.

Propriedades discursivas da repetição

Nos exemplos seguintes, identificamos o papel discursivo da repetição, ou seja, as auto e heterorrepetições, sua distribuição na cadeia textual, que segmentos são repetidos, e, sobretudo, quais são as funções discursivas da repetição.

(1) Repetição e participantes da conversação

Figura 3. Autorrepetições e heterorrepetições

1	L1	você é que nem meu sogro,						
2						gosta	muito	de animais?
3								de cachorro?
4						porque Adriano	gosta um bocadinho	de cachorro, não é?
5								
6	L2					eu	gosto	de cachorro, viu?
7		mas	nao sou como	ele nao				
8				ele pega				os cachorros,
9				abraça e alisa				
10						eu nao gosto muito	nao alguns cachorros	de estimação,
11								quando a gente se apega a eles, a gente ...

Fonte: Elaboração própria

Na Figura 3, a autorrepetição se encontra presente na fala de L1 quando este repete o trecho “de cachorro”, cuja M está localizada na linha 3 e a R na linha 4. Este mesmo seguimento, em seguida, é repetido por L2 em um processo de heterorrepetição. Assim, a M, já então repetida por L1 na linha 3, é também reiterada por L2 nas linhas 6 (integralmente), 8 e 10 (com variações).

(2) Distribuição da repetição na cadeia textual

Figura 4. Repetições adjacentes e distantes

1	L1	e havia muita vegetação aqui na ...?	
2	L2.	havia muita vegetação,	
3		mas era uma vegetação muito rasteira, e mamonas,	entendeu?
4			pés de mamona e ...
5			capim, muito ...
6			fraca
7		a vegetação	pesada desse loteamento foi para o lado de lá da ...
8			dos terrenos
9			dos pobres
10	L1	parque Lucaia	
11	L2.	no Parque Lucaia eles derubaram muita coisa, porque naquela época ainda	nao era moda proteger a vegetação,
12			era e nao era,
13			entendeu?
14	L1 sei		
15	L2.	entao eles derubaram muitas árvores aí aqui nós tivemos uma	
16			ou duas
17			árvores de maior porte
18	L1 porque, é ... o Centro Administrativo, você ...		
19		nao sei se você reparou,	
20		a vegetação que eles estão colocando lá	
21		é vegetação toda rasteira,	nao é?

Fonte: Elaboração própria

Nas linhas 1, 2 e 3 da Figura 4, a palavra “vegetação”, aparece como M na fala de L1, é repetida por L2, em processos de, primeiramente, heterorrepetição e, em seguida, autorrepetição. Podemos notar que M e R nesse exemplo estão próximas, ou seja, trata-se de uma R adjacente. Esse mesmo seguimento, por sua vez, vai sendo repetido na fala de ambos os locutores, o que, consecutivamente, ocasiona distanciamento entre a M e as Rs seguintes. Dessa forma, “vegetação” aparece novamente nas linhas 7 (fala de L2), 20 e 21 (fala de L1), o que caracteriza Rs distantes.

(3) Segmentos passíveis de repetição

- | A repetição na língua falada: propriedades discursivas e gramaticais

Figura 5. Repetições integrais e com variação

1	LL	lá tem dois policiais, não é?	
2	L2.	tem, tem ...	a mãe e o filho
3	LL		a mãe e o filho
4	L2.		a mãe e o filho aliás, aquela cachorrinha que tem lá, Nicsia, fui eu que dei a Mara,
5			foi há uns ...
6			há muitos anos,
7			era uma cachorrinha que veio de Jequié,
8			toda estragada,
9			muito boa [...]

Fonte: Elaboração própria.

Na Figura 5, a expressão “a mãe e o filho” é repetida de modo integral, primeiro por L1 e, em seguida, por L2. Obtém-se, portanto, R integral. Em seguida, a expressão *aquela cachorrinha*, que surge como M na linha 4, turno de L2, é repetida pelo próprio falante na linha 7, como *uma cachorrinha*. A substituição de “aquela” por “uma” realça a variação do trecho em questão, permitindo caracterizá-lo como R com variação.

(4) Categorias linguísticas passíveis de repetição

Figura 6. Repetições lexicais, suboracionais e oracionais

1	LL	e havia muita vegetação aqui na ...?	
2	L2.	havia muita vegetação,	
3		mas era uma vegetação muito rasteira, e mamonas,	entendeu?
4			pés de mamona e ...
5			capim, muito ...
6			fraca
7		a vegetação	pesada desse loteamento foi para o lado de lá da ...
8			dos terrenos
9			dos pobres
10	LL	parque Lucaia	
11	L2.	no Parque Lucaia eles denubaram muita coisa, porque naquela época ainda	não era moda proteger a vegetação,
12			era e não era,
13			entendeu?
14	LL sei		

Fonte: Elaboração própria

Inicialmente, nas linhas 1 e 2, em que L1 e L2 alternam o turno de fala, tem-se uma R oracional, pois a ocorrência M *havia muita vegetação* é integralmente repetida em seguida. Adiante, essa mesma oração é recortada e passa a ser repetida somente como o SN *uma vegetação* (linha 3), repetido na linha 7 como *a vegetação*, ocorrendo, portanto, uma R suboracional. Já a R lexical emerge quando a expressão *parque Lucaia*, proferida por L1 na linha 10, é repetida por L2 na linha 11. Tal expressão, um SN, configura também uma R suboracional.

(5) Funções discursivas da repetição

Contrariamente à avaliação negativa das repetições na língua escrita, veremos que na língua falada elas assumem diversas funções constitutivas da linguagem.

(5.1) Coesividade

Figura 7. Listagem

1	LL	e havia muita vegetação aqui na ...?	
2	L2.	havia muita vegetação,	
3		mas era uma vegetação muito rasteira, e mamonas,	entendeu?'
4			pés de mamona e ...
5			capim, muito ...
6			fraca
7		a vegetação	pesada desse loteamento foi para o lado de lá da ...
8			dos terrenos
9			dos pobres
10	LL	parque Lucaia	
11	L2.	no Parque Lucaia eles demubaram muita coisa, porque naquela época ainda	nao era moda proteger a vegetação,
12			era e nao era,
13			entendeu?'
14	LL sei		

Fonte: Elaboração própria

Na Figura 7, verificamos uma das funções de R conhecida como coesividade, especificamente, a listagem, por meio de listas facilmente identificadas como paralelismo sintático. Na linha 2, constatamos a manutenção da estrutura nuclear por parte de L2 *havia muita vegetação*; na linha 3, a estrutura foi parcialmente retomada, e ambas como construções oracionais. Assim, tem-se uma sequência de frases baseada parcialmente em listagem e parcialmente em retomadas lexicais.

Figura 8. Amalgamas sintáticas

1	[...] quando chega lá já tem	esgotos sanitários ...	
2	L1.	ligados	
3	L2.	... é, ligados e acumulados evaporam-se, nao é?'	
4	LL		eu sei
5	L2.		Porque tem muita ventilação essa tubulação, está quase vazia,
6	Entao	o esgoto	se evapora,
7	entao fica aquela crosta de esgoto nas		tubulações
8	mas acho que ele inicia ...		

Fonte: Elaboração própria

No trecho acima destacado, ocorre uma estratégia de construção-reconstrução textual através da heterorrepetição, em que L2 aproveita parte das expressões utilizadas pelo outro locutor (L1) – (na linha 2), e por ele próprio (linha 1), sendo uma autorrepetição, numa espécie de amalgamento de ideias. Para isso, verificamos que L2 repete a expressão *ligados* (linha 3), aproveitando-se dela para formar uma estrutura completa: *ligados e*

- | A repetição na língua falada: propriedades discursivas e gramaticais

acumulados evaporam-se. Ainda, ele retoma a expressão *esgotos* e repete-a duas vezes em 6 e 7 para formar uma estrutura completa.

Figura 9. Enquadramentos sintáticos-discursivos

1	L1	nao ...	quer dizer
2		eu nao afirmo	que sai ...
3		mas nao ...	
4		é o que sai de Governador mesmo daquele trevo que tem ali perto de	
5	[
6	L2	porque eu vi uma vez em Belo Horizonte pegando justamente (de Ipatinga prá) Usiminas	
7		ele saia em Monlevade ... a estrada nao estava por sinal pronta	
8		ainda estava em terraplenagem	
9		mas	eu passei
10		consegui	passar
11	[
12	L1	nao	
13		mas eu li ...	quer dizer um projeto que
14		eu vi acabarem inclusive naquele viaduto do rio Doce ...	
15		agora nao sei se depois mudaram qualquer coisa assim	
16		mas eu vi esse projeto inclusive porque nós iamõs entrar na concorrência	
17		acabamos nao entrando	

Fonte: Elaboração própria

Neste exemplo, observamos uma estratégia de repetição por parte de L1 para retomada de tópico interrompido (a *parentetização*) por L2, com uma inserção textual, e desenvolvimento de sua ideia. Assim, L1 repete a expressão *quer dizer* (linha 13) para estabelecer uma coesão ou encadeamento entre os segmentos separados ou interrompidos pelo seu interlocutor.

(5.2) Auxílio à compreensão do segmento

Figura 10. R de expressão intensificadora

1	L2. entao nao tem jeito
2	nao tem jeito prá passar
3	tem que passar ()

Fonte: Elaboração própria

No exemplo em questão, observa-se que a R do verbo *passar*, na linha 3, cumpre a função de intensificar o sentido projetado pelo locutor. Neste caso, a R não atua sozinha ao cumprir essa função, visto que o verbo *ter*, na estrutura *tem que passar*, ocasiona efeito de obrigatoriedade, contribuindo para o sentido em questão.

Figura 11. Substituição do verbo existencial

1	LL	e havia muita vegetação aqui na ...?	
2	L2.	havia muita vegetação,	
3		mas era uma vegetação muito rasteira, e mamonas,	entendeu?
4			pés de mamona e ...
5			capim, muito ...
6			fraca
7		a vegetação	pesada desse loteamento foi para o lado de lá da ...
8			dos terrenos
9			dos pobres
10	LL	parque Lucaia	
11	L2.	no Parque Lucaia eles derrubaram muita coisa, porque naquela época ainda	nao era moda proteger a vegetação,
12			era e nao era,
13			entendeu?
14	LL sei		

Fonte: Elaboração própria

Percebe-se, neste exemplo, a transformação da estrutura *haver N* em *ser N*, ambas existenciais, por meio de estratégia de heterorrepetição. Ou seja, L2 retoma o tema *vegetação* introduzido por L1, numa construção existencial formada por *haver*, repetindo-a, escolhendo agora outro verbo existencial, *ser*.

(5.3) Focalização de participantes

As Rs podem ocorrer também para focalizar um participante da cena, o que pode ser por meio de expansões sucessivas, paráfrases e outros processos. Foi o que verificamos no exemplo a seguir, em que L1 repete o nome *Miguel Osório*, para focalizar o Miguel de que se trata.

Figura 12. R focalizadora

1	L2 eu nao sei quem foi que arranjou aquele cachorro para Zezito
2	L1. foi o ...
3	foi Miguel
4	L2. foi Miguel?
5	L1. Miguel Osório

Fonte: Elaboração própria

(5.4) Organização tópica

As Rs exercem também um papel importante na organização dos tópicos conversacionais, atuando aí em diferentes frentes: introdução do tópico, condução de argumentação, reforço da interatividade, entre outros.

- | A repetição na língua falada: propriedades discursivas e gramaticais

Figura 13. Introdução, reintrodução, delimitação, condução e manutenção de tópico

1	L1.	e havia muita vegetação aqui na ...?	
2	L2.	havia muita vegetação,	
3		mas era uma vegetação muito rasteira, e mamonas,	entendeu?
4			pés de mamona e ...
5			capim, muito ...
6			fraca
7		a vegetação	pesada desse loteamento
8	[...]		
9	L2.	no Parque Lucaia eles derrubaram muita coisa, porque naquela época ainda	nao era moda proteger a vegetação,
10			era e nao era,
11			entendeu?
12	L1.	sei	
13	L2.	entao eles derrubaram muitas árvores	
14		ai aqui nós tivemos uma ou duas árvores de maior porte	
15	L1.	porque, é ...	
16		o Centro Administrativo,	
17		voce ...	
18		nao sei se voce reparou,	
19			a vegetação que eles estão colocando lá
20			é vegetação toda rasteira, nao é?
21	L2.		é
22	[...]		
23	L1.	aqui fizeram uma experiência	nao tem ... pouco tempo ai,
24		de plantar borracha,	
25		seringueira,	
26		mas nao sei em que ficou isso,	
27			aqui na Bahia
28	L2.		aqui na Bahia?
29	L1.	voce nao viu falar sobre isso, nao? (SUPERP)	
30	L2.	Dr Norberto é um dos pioneiros desse negócio	
31		de borracha (SUPERP)	
32	L1.	ah, é (SUPERP) e deu resultado	
33		plantar borracha aqui ... (SUPERP/ININT)	

Fonte: Elaboração própria

Nesse trecho, em que há alternância de turnos, temos a introdução do tópico *vegetação* por L1 (na alínea 1), este sendo reintroduzido e delimitado por L2 (na alínea 9), indicando o local (no parque Lucaia) e o momento (naquela época) em que ocorria o derrube de árvores. Dessa parte em diante, verificamos a condução e manutenção de tópico entre os dois interlocutores, havendo R do mesmo item lexical *vegetação* e sua variação (*árvores* e *plantar...*).

(5.5) Argumentatividade

Figura 14. Reafirmação de argumentos

1	L2.	Porque eu já tive Oportunidade, de brincadeira, gravar e minha voz,		
2		eu tenho impressao ...		
3	L1.		Sai	diferente (SUPERP)
4	L2.	... que	sai bastante	diferente do que na realidade é
5	L1.			é,
6			sai	diferente

Fonte: Elaboração própria

No trecho acima, vimos um caso desse tipo, em que L2 reafirma o argumento apresentado por L1, repetindo a expressão *diferente* e intensificando-a (*bastante diferente*), o que ocorreu em forma de heterorrepetição; por sinal, L2 tinha em mente essa palavra, que aparentemente foi prevista pelo seu interlocutor. E L1 também repete a mesma palavra, assim, ocorre autorrepetição.

Figura 15. Contraste de argumentos

1	L1.	you é que nem meu sogro,		
2			gosta	muito
3				de animais?
4				de cachorro?
5			porque Adriano	gosta um bocadinho de cachorro, não é?
6	L2.		eu	gosto
7		mas não sou como ele não		de cachorro, viu?
8		ele pega		os cachorros,
9		abraça e alisa		
10		eu não gosto muito não alguns cachorros de estimação,		
11				quando a gente se apega a eles, a gente ...

Fonte: Elaboração própria

Diferentemente do que acabamos de analisar, ocorre neste trecho o contraste de argumentos entre dois interlocutores. L2, apesar de admitir gostar de cachorro, tal como o sogro de L1, recusa ser como este, pois argumenta que ele gosta de *abraçar*, *alisar* ou de se *apegar os cachorros*, ao contrário do outro. Assim, entendemos que houve um contraste no que diz respeito à afirmação de L1: “você é que nem meu sogro” (linha 1).

- | A repetição na língua falada: propriedades discursivas e gramaticais

Figura 16. Contestação de argumentos

1	L2.	sim um caminhao com Oito metros de largura (vozes) nas nossas nao passa nao
2		que as nossas
3		sao sete e cinquenta em geral
4	L1.	sete metros
5	L2.	sete metros de largura
6	L1 sim	passar passa mas ocupa a estrada inteira
7	L2.	e em pontes nao passa
8	L1.	nao
9		em certas pontes nao ...
10		sao dez metros e cinquenta as pontes ... passa ... mas
11		passa apertado ...

Fonte: Elaboração própria

A contestação de argumentos foi observada no trecho acima numa alternância de turnos, ocorrendo Rs oracionais para apresentação e contestação de argumentos. Inicialmente, verificamos uma afirmação de L2: “um caminhão com oito metros de largura *nas nossas [estradas] não passa não*” (linha 1), que foi contestada pelo L1 ao dizer que *passar passa mas ocupa a estrada inteira* (linha 6); contestando, portanto, o argumento apresentado pelo seu interlocutor. A mesma situação nota-se também na alínea 7, em que novamente o L2 fez uma afirmação: *e em pontes não passa*, a qual também o L1 objetou: *não em certas pontes não [...] passa... mas passa apertado...* (linhas 8 a 11).

(5.6) Interatividade

Figura 17. Expressão de opinião pessoal

1	L1.	eu ainda acho melhor ...
2		sao mil quilômetros
3		se nao me engano mil e uma fraçao
4		é MIL quilômetros daqui até Governador Valadares
5	e	é a melhor viagem
6		
7	L2.	eu acho aquela viagem
8		principalmente esse trecho de Conquista até Governador Valadares insuportável

Fonte: Elaboração própria

Verificamos, neste trecho, um tipo de R que promove a expressão de opinião pessoal, o que ocorre tipicamente em forma de heterorrepetição (MARCUSCHI, 2015), tal como observamos. O L2 repete a palavra *viagem* (linha 7) para apresentar sua própria opinião, que diverge da do L1. Ou seja, a *viagem* (linha 5) de que se fala, na opinião do L1, seria *a melhor*; ao passo que, para o L2, seria *insuportável* (linha 8). Para isso, os dois recorrem, respectivamente, à expressão *eu ainda acho* (linha 1) (buscando reafirmar sua opinião) e *eu acho* (linha 7).

Figura 18. Monitoramento de tomada de turno

1	L2.	qual é o pior ... horário ... dessa saída da cidade ... de manha?		
2	L1.	bom ... o pior horário ... de saída ... da cidade de manha ...		
3	L2.			fica mais ou menos entre SEis e oito horas né?
4	L1.	não	de	seis ainda sai bem ...
5		mas		entre sete ... até umas:
6				oito e meia ...
7		é a pior ... hora	de saída ...	
8		primeiro		
9		porque você pega o congestionamento na área urbana ainda ... desde a Barra Centenário		
10				essa área de colégios etc ...
11				e daí prá frente
12		você vai pegando ... a: ... a Barros Reis		
13				um pedaço da Barros Reis hoje Heitor Dias né?
14	... e:	há muita ()		
15	[
16	L2.	eu tô (te dizendo) isso porque quinta-feira eu viajo		
17				sexta- feira eu vou prá Belo Horizonte ...
18	e:	eu estou justamente na dúvida na/ da hora de eu sair daqui ...		
19		eu nao sei se	sairei	
20		justamente		antes de seis horas da manha ou
21			saio depois	das oito
22	L1.	eu acho que se	sair	antes das seis horas da manha
23			sai melhor	
24	L2.	porque o problema que acontece () é que eu nao vou chegar em Belo Horizonte no mesmo dia ...		
25			vou ter que dormir ou em Conquista ou	
26			dormir na divisa ... ou	
27			em Teófilo Otoni se o tem poder ...	
28		eu acho		
29	[
30	L1.	nao ...	dá demais	em Teófilo Otoni

Fonte: Elaboração própria

A R é utilizada para monitorar a tomada de turno. É uma estratégia que se verifica quando se percebe, de forma insistente, a R em sobreposição de vozes. No trecho acima, percebemos insistentemente o uso de expressões como *eu tô (te dizendo)* (linha 16) e *eu acho* (linha 28) por parte de L2; por seu lado, L1, querendo tomar para si o turno, recorre também à expressão *eu acho que* (linha 22). Assim, considerando a sobreposição de vozes, decorrente do fato de os dois interlocutores se interessarem em manifestar suas posições, ambos usam essa estratégia de R nesse contexto para monitorar a tomada de turno e continuar com a palavra.

- | A repetição na língua falada: propriedades discursivas e gramaticais

Figura 19. Ratificação do papel do ouvinte e Incorporação de sugestões

1	L1.	a estrada de Governador Valadares prá Belo Horizonte ...	foi construída recentemente
2	[
3	L2.	nao ai é bonita	
4	L1.		mas foi construída recentemente agora
5	L2.		mas nao é aquela que ... ainda passa por (Monlevade)?
6	L1.		é
7		Governador Valadares ... Ipatinga	
8	L2.	Ipatinga	
9	L1.		que
10			é
11		a (Usiminas)	
12	[
13	L2.	Usiminas	
14	L1.		depois vem
15	L2.		Monlevade
16	[
17	L1.		Monlevade ...
18			mas o trecho de: ... se nao me engano
19			de: ... (Monlevade) é um pouco mais prá cá
20		nao me lembro o nome agora ...	
21		acho que	é de Coronel Fabriciano ... até
22		Governador Valadares	é novo ...
23		inclusive eu sei porque eu vi a concorrência	
24	L2.	agora eu vou por isso só	
25		vou ... porque	
26		eu tenho que fazer esse negócio e	
27		vou aproveitar prá uma coisa que há muito tempo desejava	
28		ver ...	
29		que é o Maquiné ...	
30	L1.	Maquiné ()	
31	L2.	() tem uma visita à gruta do Maquiné ...	
32		porque Ouro Preto eu já conheço já tiva lá . .. Congonhas também ... de modo que minha pretensao agora é essa	

Fonte: Elaboração própria

A R também ocorre como uma estratégia interativa de incorporação de sugestões. No exemplo acima, observamos entre dois interlocutores a R de itens lexicais (*Ipatinga* e *Usiminas*) por parte de L2 como forma de contribuir colaborativamente para o processamento textual (linhas 8 a 13). Nas alíneas 15 a 17, percebe-se que L2 colabora para chamar a expressão *Monlevade*, que L1 (podendo estar em dificuldade de lembrar) queria usar, auxiliando-o a prosseguir com o turno normalmente.

De modo semelhante, trata-se de uma estratégia que ocorre com a função interativa de ratificação do papel do ouvinte, em que os segmentos repetidos funcionam como os marcadores do tipo “sim”, “claro”, “ahn”, “sei”, entre outros (MARCUSCHI, 2015). Podemos perceber, na interação entre os dois interlocutores, a ratificação do papel do ouvinte por parte de L2 retomando a mesma expressão como forma de indicar que L1 pode prosseguir conversando; e depois, na alínea 30, com a R da expressão *Maquiné* por parte de L1, indica-se também que L2 pode continuar com a palavra.

Propriedades gramaticais da repetição

Como vimos anteriormente, de acordo com a Abordagem multissistêmica, a análise linguística deve cobrir os sistemas do Discurso, da Gramática, do Léxico e da Semântica.

Focalizando a Gramática, dois processos chamaram nossa atenção no *corpus* examinado. O primeiro deles envolve o apagamento do advérbio “*sim*” em respostas afirmativas a perguntas. Tal realidade se evidencia não somente por exemplos que permitem verificar ocorrências do caso em questão, mas também pela possibilidade de encontrar respostas negativas em que o advérbio “*não*” é mantido. O segundo, por sua vez, se desenvolve através da replicação do “*não*”, o que acarreta efeito de ênfase. Passemos à análise.

Figura 20. O apagamento do *SIM* em respostas afirmativas

(1)

- 1 L1. porque, é ... o Centro Administrativo, você ...
 2 nao sei se você reparou, a vegetação que eles estão colocando lá
 3 é vegetação toda rasteira,
 4 nao é?
 5 L2. é Ø

(2)

- 1 L1. lá **tem** dois policiais, nao é?
 2 L2. **tem** Ø, **tem**... a mãe e o filho

(3)

- 1 L2. Zezito também gosta, nao é?
 2 L1. nao,
 3 Zezito é por causa de Mariá, nao é?
 4 L2. **tem** Ø, mas nao gosta
 5 L1. **tem** Ø um boxer
 6 ele **tinha** Ø um cachorro, era lindo (SUPERP/ININT) ... mas deu a Luis Catarina

(4)

- 1 L2. é interessado, nao é?
 2 L1. é Ø ele se acostuma (SUPERP)

Fonte: Elaboração própria

Verifica-se por esses exemplos que, em todas as ocorrências, o advérbio “*sim*”, o qual teria a função de acompanhar os verbos, confirmando as ações em questão, foi apagado,

- | A repetição na língua falada: propriedades discursivas e gramaticais

em contextos nos quais as respostas para as perguntas seriam afirmativas. Isso ocorre após a R de verbos que estariam presentes nas perguntas motivadoras das respostas. Percebe-se, então, que o fenômeno da R, aqui, não só é responsável pela gramaticalização investigada, como ainda a evidencia. Por fim, é possível sopesar que a semântica dos verbos tende a favorecer tal apagamento, visto que já carregam certa “positividade”, a qual, juntada à “positividade” da palavra “*sim*”, poderia soar redundante (exceto em casos de ênfase) e, por conseguinte, vir a contrariar o processo de economia linguística¹¹.

Os exemplos a seguir sobre o advérbio “*não*” mostram o contrário. O que costuma ocorrer, embora não seja unanimidade, é que o advérbio seja explicitado, apagando-se, por sua vez, o verbo. Acreditamos que isso ocorra visto a semântica verbal não expressar, essencialmente, “negatividade”, o que impossibilitaria o apagamento do “*não*”, caso se queira dar um retorno negativo ao interlocutor. Além disso, a economia linguística novamente entra em cena: se a semântica do verbo pouco irá acrescentar a uma resposta negativa, e estando o verbo próximo ao enunciado de pergunta, repeti-lo seria pouco estratégico, bastando introduzir o “*não*”:

Figura 21. A manutenção do *NÃO* em respostas *negativas*

- (1)
- 1 L2. o outro esquema **nao vai** funcionar é ...
- 2 Ll. **vai não**, nao é Olivieri?
- (2)
- 1 L2. Zezito também gosta, **nao é?**
- 2 Ll. **nao**,
- 3 Zezito é por causa de Mariá, nao é?
- (3)
- 1 L2. vegetais e agricultura você tem alguma fazenda?
- 2 Ll. **nao**
- 3 L2. nao tem planos de ter fazenda, nao?
- 4 Ll. também **não**
- (4)
- 1 L2. ali havia uns eucaliptos, sendo plantados lá, **nao?**
- 2 Ll. **nao** reparei, aonde mais ou menos?

Fonte: Elaboração própria

¹¹ Segundo Ilari (2011), o conceito de economia advém dos estudos sobre fonologia diacrônica de Martinet.

Cabe, agora, analisar a recolocação do “*não*”, o que acarreta efeito de ênfase. Analisemos os exemplos a seguir.

Figura 22. A repetição do *NÃO* com efeito de ênfase

- (1)
- 1 L2. eu gosto de cachorro, viu?
- 2 mas **nao** sou como ele **nao**
- 3 ele pega
- 4 os cachorros,
- 5 abraça e alisa
- 6 eu **nao** gosto muito **nao** alguns cachorros de estimação,
- 7 quando a gente se apega a eles, a gente ...
- (2)
- 1 L2. eu **nao** gosto de gato também **nao**
- 2 L1. gato **nao** se deixa você ... agradar,
- 3 **nao** deixa fazer nada e quando ...
- 4 e
- 5 o gato **nao** cria amor ao dono
- 6 e *sim* à casa, **nao** é?
- 7 L2. dizem
- (3)
- 1 L2. **nao** tem planos de ter fazenda, **nao**?
- 2 L1. também **nao**
- (4)
- 1 L1. mas que tipo de fazenda você quer? cacau?
- 2 L2. **nao**, eu **nao** gosto de fazenda de cacau, **nao**
- 3 embora a minha família é...
- 4 a família de meu pai tenha ligações com o cacau [...]

Fonte: Elaboração própria

Seguindo a argumentação até então traçada, é possível avaliar que, se, na língua portuguesa, o “*sim*” pode ser facilmente apagado, haja vista a semântica dos verbos, podendo reaparecer ao se construir uma ênfase (em ocorrências como *eu quero sim*, em face de casos como *eu quero*, soam mais enfáticas exatamente pela presença do advérbio), isso não ocorre com o “*não*”, que não pode ser elidido em sentenças negativas, e sua ênfase apareceria exatamente ao ser repetido. É assim, pois, que a repetição é motor do processo de gramaticalização do “*não*”, acarretando efeito de ênfase.

- | A repetição na língua falada: propriedades discursivas e gramaticais

Aliás, foi a repetição do advérbio *não*, em expressões como *não sei não*, que deu origem à negação posposta, comum no Português Brasileiro, *sei não*, resultado do apagamento do primeiro *não* (como *é possível analisar na* ocorrência 1 da figura 21).

Considerações finais

Neste artigo, abordamos o fenômeno da repetição tomando como base as abordagens de Marcuschi (2015) e Castilho (1997). Trabalhamos, assim, para formular quadros de manifestações e funções que pudessem nortear nossa busca por ocorrências do fenômeno em um *corpus* específico. Além disso, investigamos, neste mesmo *corpus*, processos de gramaticalização envolvendo os advérbios “*sim*” e “*não*”.

Os resultados apontam para a condição de o advérbio “*sim*” ser apagado em respostas de cunho afirmativo, enquanto o verbo é repetido. Favorece tal condição a semântica verbal, a qual já carrega certo grau de “positividade”, que permite repetir o verbo em respostas afirmativas, sem necessidade de acompanhamento de advérbio. Acreditamos, portanto, que o aparecimento do “*sim*” em respostas afirmativas se daria, sobretudo, em ocorrências nas quais se busca enfatizar a afirmação. Tal hipótese, por sua vez, carece ser testada de forma mais aprofundada. No caso do “*não*”, a realidade se inverte. Este é mantido em respostas negativas, sendo, costumeiramente, o verbo apagado. A semântica dos verbos, nos dois casos, favorece, assim, a ocorrência do fenômeno de economia linguística, conforme discutido na seção anterior. Além disso, destacamos que, se o “*não*” é mantido em respostas negativas, sua repetição ocasiona efeito de ênfase, assim como pode acontecer caso o “*sim*” venha a ser mantido (sem necessidade de replicação).

Referências

CASTILHO, A. T. Sistemas complexos e mudança linguística. Estudo de Caso: diacronia da concordância no Português Brasileiro. In: ROMERO, M. N.; ROSARIO, A.; MATO, E. M. (org.). **Gallaecia**. Estudos de Linguística Portuguesa e Galega. Santiago de Compostela: Servizo de Publicacións da Universidade de Santiago de Compostela, 2017. p. 95-118.

CASTILHO, A. T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTILHO, A. T. An approach to language as a complex system. **Signos linguísticos**, n. 6, p. 83-120, 2007. Republicado em: CASTILHO, A. T. (org.). **História do Português Paulista**. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem/FAPESP, 2009. p. 119-136.

CASTILHO, A. T. Por uma sintaxe da repetição: língua falada e gramaticalização. **Língua e Literatura**, n. 23, p. 293-330, 1997.

ILARI, R. O estruturalismo linguístico: alguns caminhos. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. B. (org.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2011.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Análise da Conversação: princípios e métodos**. Tradução Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola, 2006.

KOCH, I. G. V. **Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora, sob a coordenação de Mara Sophia Zanotto e Vera Maluf. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

LEECH, G. Politeness: is there an east-west divide? **Journal of foreign languages**, v. 160, n. 60, 2005.

LEECH, G. **Principles of pragmatics**. New York: Longman, 1983.

MARCUSCHI, L. A. Repetição. *In*: JUBRAN, C. S. (org.). **A construção o texto falado**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 207-240.

MARCUSCHI, L. A. A repetição na língua falada como estratégias de formulação textual. *In*: KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do Português Falado**. Campinas: EDUNICAMP/FAPESP, 1997. p. 95-130.

PAIVA, G. M. F. **A polidez linguística em sala de bate-papo na internet**. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

SILVA, L. A. Projeto NURC: histórico. **Linha d'Água**, n. 10, p. 83-90, 1996.

- | A repetição na língua falada: propriedades discursivas e gramaticais

SOARES DA SILVA, A.; LEITE, J. E. R. Apresentação – 35 anos de Teoria da Metáfora Conceptual: Fundamentos, problemas e novos rumos. **Revista Investigações**, v. 28, n. 2, p. 1-23, 2015.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: CASTILHO, Ataliba Teixeira de; SOUZA-SANTOS, José Elderson de; DANFÁ, Abdulai. A repetição na língua falada: propriedades discursivas e gramaticais. **Revista do GEL**, v. 17, n. 3, p. 64-89, 2020. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v17i3.2883>

Submetido em: 07/09/2020 | Aceito em: 21/10/2020.
